

AOS
OLHOS
DO
ARCANJO

Amostragem

LOO BURNETT

AOS
OLHOS
DO
ARCANJO

Mont-Saint-Michel

contra o
VENTO

Aos Olhos do Arcanjo

Copyright © 2026 Contra o Vento

Contra o Vento é um selo da Editora Almedina do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria LTDA).

Copyright © 2026 Loo Burnett

ISBN: 978-65-5319-018-4

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2026 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B967a

Burnett, Loo

Aos olhos do arcanjo: Mont-Saint-Michel / Loo
Burnett. 1ª Ed. – Rio de Janeiro: Contra o Vento, 2026.
280 p.; 15,7 x 23 cm.

ISBN: 978-65-5319-018-4

1. Romance histórico brasileiro. 2. Literatura
brasileira. 3. França medieval – Ficção.
4. Cristianismo – Ficção. 5. Mosteiros – Ficção.
I. Título.

CDD 869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção brasileira: Romance histórico 869.93

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Editor da Obra: Rodrigo Mentz

Vendas Governamentais: Cristiane Mutûs

Produtora Editorial: Rita Motta



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré

CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)

Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br

Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br

Editora
afiliada à:



alor
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
DIREITOS REPROGRÁFICOS

ASSOCIADO



Para os meus filhos, Lucas, João Pedro e Santiago.

Para Van Gogh, meu gato persa cor de açafão, que inspirou o personagem deste livro — Or — e depois partiu, deixando um vazio em meu coração.

Pela alma da minha tataravó, Blanche-Eugénie.

Amostragem

É imprescindível destacar que a obra em questão se apoia no pensamento, na cultura e na prática da época, século XV, não sendo necessariamente a opinião do autor.

Esta obra é um romance histórico. Embora inspirada em fatos, personagens e contextos reais, contém interpretações, reconstruções narrativas e elementos ficcionais utilizados para fins literários. Eventuais liberdades foram tomadas com o objetivo de aprofundar a experiência narrativa, sem pretensão de rigor historiográfico absoluto.

Amostragem

SUMÁRIO

	Prólogo	1
	As Bem-Aventuranças	3
I	Laranja do Cártamo	5
II	Azul Ultramarine	29
III	Vermelho Cinabrese Claro	59
IV	Vermelho Sangue de Dragão	77
V	Dourado Diadema	117
VI	Terre Verte	141
VII	Acastanhado Nogueira	157
VIII	Afiando o Cálamo da Escrita	189
IX	Preto Profundo	203
X	Branco-Chumbo	223
XI	Giallorino Amarelo de Chumbo-Estanho	245
	Glossário	265
	Referências Bibliográficas	268

IMMENSI TREMOR OCEANI



Le Havre



Caen



La Lucerne-d'Outremer



Abadia do
Mont-Saint-Michel



PRÓLOGO

No princípio, Deus disse: “Que a terra produza vegetação: ervas que deem sementes e árvores que ofereçam frutos, cada uma conforme a sua espécie” (cf. Gn 1,11). E assim se fez. Entre os brotos do terceiro dia, despontou o *silphium* — planta singular, cujo destino se entrelaçaria ao desejo humano e às disputas de poder.

Como toda obra do Criador guarda mistérios, a missão de conservar o *silphium* foi confiada, em silêncio, a sucessivas gerações de guardiões, desde eras remotas até os dias mais sombrios da Idade Média.

Durante séculos, a planta foi venerada, celebrada por suas propriedades curativas e afrodisíacas e cobiçada por reis e mercadores. Tão valiosa quanto o ouro, alcançou o auge durante o Império Romano, tornando-se um tesouro ambicionado em todo o Mediterrâneo. Sua extinção representou mais do que a perda de uma cura extraordinária: arrastou consigo segredos reservados a poucos escolhidos.

Cerca de mil e quatrocentos anos depois, a responsabilidade de restaurar o cultivo do *silphium* recaiu sobre um monge beneditino: Sébastien Angeli-Chaput, descendente de Simão de Cirene — aquele que auxiliara Cristo a carregar a cruz. Depositário de um conhecimento transmitido através das gerações, ele se tornara o último elo de uma linhagem incumbida de proteger o que restava daquela herança. Sob a égide do Arcanjo Miguel, caberia a ele e a seus companheiros zelar por sua essência e ocultar um enigma nas iluminuras do Códice das Bem-Aventuranças.

No cenário da França de 1469, enquanto o rei Luís XI formava a prestigiada Ordem dos Cavaleiros de São Miguel, Sébastien e seus aliados — Jean-Pierre, Blanche-Eugénie e fratel Benedict — enfrentariam os dilemas do corpo e as proações da alma. Entre conspirações, confidências e uma missão celeste, o Arcanjo Miguel guiaria seus passos e velaria para que o legado do *silphium* sobrevivesse a um mundo prestes a transformar-se para sempre.

Amostra

AS BEM-AVENTURANÇAS

Vendo Ele as multidões, subiu à montanha. Ao sentar-se, aproximaram-se dele os seus discípulos. E pôs-se a falar e os ensinava, dizendo:

*Bem-aventurados os que têm o coração de pobre,
porque deles é o Reino dos Céus.*

Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados!

Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra!

*Bem-aventurados os que têm fome e sede
de justiça, porque serão saciados!*

*Bem-aventurados os misericordiosos,
porque encontrarão misericórdia!*

Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus!

*Bem-aventurados os pacíficos,
porque serão chamados filhos de Deus.*

*Bem-aventurados os que são perseguidos por
causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus.*

*Bem-aventurados sereis quando vos caluniarem, quando vos
perseguirem e disserem todo mal contra vós por causa de mim.
Alegrai-vos e exultai, porque será grande a vossa recompensa nos
céus, pois assim perseguiram os profetas que vieram antes de vós.*

Amostragem

I LARANJA DO CÁRTAMO



Os tons de laranja podem ser obtidos da maceração das pétalas de cártamo, também chamado açafraão-bastardo. As flores devem ser colhidas entre o final da primavera e o início do verão, secas ao sol ou em local ventilado, e ter as pétalas separadas para extração da cor em água limpa. A tonalidade pode ser ajustada por meio da oxidação ao sol. Após o processo, o líquido deve ser filtrado para remoção das impurezas.

MANUSCRITO I, SÉBASTIEN ANGELI-CHAPUT.



Amostragem

Naquela manhã, Sébastien Angeli-Chaput soube que estava morrendo. E, pela primeira vez em décadas, São Miguel permanecia em silêncio.

Apertou a luva com força, tentando impor obediência aos ossos rebeldes. A dor irradiou pelo braço, subiu ao ombro e cravou-se no peito; ele inflou os pulmões profundamente, segurou o ar como quem sustenta uma prece e o soltou num sopro violento, abafando o gemido que ameaçava escapar.

— Como dói esta mão.

Reclamou baixinho, pois a Regra não permitia fraquezas desnecessárias, embora o corpo traísse o espírito. Levantou-se com esforço da estreita cama de madeira e passou os dedos rígidos pelo dorso quente de Or, o gato cor de açafraão-bastardo que dormia sobre a mesa.

— Cuide bem das minhas sementes, Or, e afugente todos os ratos! *Hum.*

As sementes O desígnio pesava mais que a doença.

Arrastando os pés, Sébastien dirigiu-se com dificuldade à igreja abacial, enquanto o sino das Horas já ecoava pelo Monte, e sua vibração metálica parecia penetrar-lhe os membros. O trajeto, iluminado por velas, traçava uma passagem entre o dormitório e os religiosos. A cada passo surgia um monge; cumprimentavam-se com um olhar e seguiam juntos, uma vez que o Mont-Saint-Michel ainda dormia sob a luz indecisa da madrugada.

Cinquenta e oito beneditinos reuniam-se no espaço consagrado, demasiadamente pequeno devido à reforma iniciada em 1446, ainda longe de ser concluída.

Jules Crustacé andava pelas fileiras com sua lamparina, como um fiscal atento. Nada escapava de seus olhos desalinhados — um fixo, outro errante — como se um vigiasse os homens e o outro sondasse suas culpas.

“Vigiai e orai” — Sébastien dissera certa vez a um religioso que cochilava ajoelhado. Naquela manhã, porém, lutava para manter-se desperto, pressionado por uma sensação persistente de que o Céu se fechara para ele.

O abade Enguerrand entrou no coro, e as vozes elevaram-se em uníssono para o ofício; na leitura breve, ouviu-se o nome de São Jerônimo, tradutor das Escrituras. Sébastien entoava as palavras com exatidão, mas seu pensamento estava distante porque, na noite anterior, tentara escrever: empunhara a pena, mas ela não brilhara. O Códice das Bem-Aventuranças mergulhara na escuridão.

Desde jovem, aprendera a reconhecer os sinais, pois São Miguel nunca se ocultara quando a missão exigia direção. Só que agora impedira o silêncio, e o vazio deixado pelo Arcanjo era mais aterrorizante que qualquer dor física.

Após as preces, os irmãos dirigiram-se ao *scriptorium*, onde o salão aquecido por lareiras mantinha viva a oficina de manuscritos; pergaminhos eram preparados, tintas moídas, penas aparadas e mãos aquecidas; ademais, o cheiro de fólho e pigmento impregnava o ar.

Sébastien caminhava entre eles como uma sombra do homem que fora. Antes, sua presença enchia o recinto; no momento, todo passo exigia cautela. Seus dedos manchados de pigmento denunciavam anos de devoção à arte da iluminura, e cada traço que executara carregava a herança de gerações. Mas o tempo — como um inimigo letal — tornava seus dias mais curtos e urgentes, e era à noite que verdadeiramente trabalhava. Quando as galerias se esvaziavam e as orações cessavam, ele se esgueirava até o códice e, sob a claridade da relíquia, desenhava com o dom que lhe restava.

Entre os monges, um observava demais. Um homem sem talento, mas com ambição suficiente para desejar o que não lhe pertencia.

Sébastien percebia, pois a doença que lhe roubava força, por misericórdia, preservara o discernimento.

Angeli-Chaput iniciou suas atividades no monastério como sapateiro, restaurando o couro dos calçados e reforçando as solas para proteger os pés dos irmãos das areias gélidas que cercavam o Monte. A maleabilidade da matéria lhe viera primeiro; o domínio do pergaminho, só depois e, com ele, alguns dos códices mais apreciados de toda a Normandia. A solicitação de um códice exigia uma espera mínima de dois anos, tamanha era a demanda por suas aptidões.

Mesmo com a recente invenção da prensa móvel de Gutenberg, que ameaçava o mundo dos copistas, as iluminuras continuavam a ser encomendadas por nobres franceses. Os manuscritos ilustrados, somados ao seu imenso valor artístico, contribuía para a manutenção do Mont-Saint-Michel, refletindo seu *status* como um importante centro de produção e conservação do conhecimento religioso e secular.

Foi nesse instante que passos ressonantes quebraram a paz do *scriptorium*. A porta abriu-se com violência, e um jovem mensageiro surgiu, ofegante.

— Venerável Sébastien — disse ele, levando a mão à bolsa presa à cintura e retirando um pergaminho enrolado —, é urgente.

Sébastien pegou o documento, sentindo o selo de cera sob os dedos. Com um olhar rápido, percorreu a caligrafia apressada:

Ao venerável monge Sébastien Angeli-Chaput. Não tenho muito tempo; precisamos concluir o Códice das Bem-Aventuranças. Beijo suas mãos. Com sua bênção, Horace Le Havre.

— Aguarde um momento; o abade concederá permissão, e partiremos em seguida — Sébastien fez um gesto para que o rapaz se sentasse.

Eles haviam decidido que a tarde seria ideal para deixar o Mont-Saint-Michel, aproveitando a luz do dia e a segurança relativa das águas.

Enguerrand dispensou Angeli-Chaput de seus afazeres, mesmo estando a poucos dias da festa de São Miguel, celebrada no Monte em dezesseis de outubro. Junto ao informante e a uma escolta de

quatro cavaleiros — entre eles o arqueiro Guillaume de Archer —, puseram-se a caminho de Le Havre.

A maré estava baixa quando saíram. A areia úmida se estendia como um campo sob os cascos dos cavalos, firme em alguns pontos, traiçoeira em outros. O entorno do Mont-Saint-Michel era conhecido por suas faixas movediças, capazes de engolir os imprudentes sem aviso. Muitos, em verdade, já haviam sucumbido ali.

Guillaume, que tomara a dianteira do grupo, segurava as rédeas com vigor enquanto mantinha os olhos na trilha pedregosa que se ocultava sob o lodo.

— Já ouviu como as ondas engoliram os ingleses?

Sébastien fitou o arqueiro. O caminho era longo, e conversar com ele poderia tornar a jornada menos monótona.

— Um massacre silencioso — respondeu. — A natureza tomou para si aqueles que vieram nos tomar, *hum*.

O arqueiro riu pelo nariz, balançando a cabeça.

— Não foi tão silencioso assim — corrigiu em tom respeitoso. — Ouvi dizer que os malditos gritavam como condenados quando viam que o solo sumia sob os pés. Corriam de volta, mas as areias os devoravam. E os que escapavam... bem, as flechas francesas os encontravam antes da terra segura. Por muito pouco não lutei nessa guerra...

Sébastien puxou o ar com lentidão, como se sentisse o peso das palavras do arqueiro.

— São Miguel protegeu o Monte — enfatizou o monge com poucas palavras.

— Protegeu, sim — concordou Guillaume —, mas foram homens que aprenderam a ouvir o ritmo da água.

O religioso apontou com o queixo para o horizonte indistinto.

— Couesnon, Sée e Sélune. Quando as águas se juntam, avançam como cavalos em disparada. A maré, além de subir... ataca, *hum*.

— Meu pai combateu no cerco — continuou Guillaume. — Ele dizia que os ingleses não entendiam que o Mont-Saint-Michel nunca

poderia ser sitiado como qualquer outra fortaleza. Desconheciam a região, confiavam demais em seus números. Mas de que servem mil homens se o chão os trai?

— E agora — disse Sébastien, consciente dos séculos de história que seu monastério preservava —, ele guarda mais do que pedras e lendas.

O arqueiro assentiu, lançou um olhar por sobre os ombros e avisou a torre da abadia, que se erguia como um farol.

A conversa esvaiu-se como o trote surdo dos cavalos, e o grupo seguiu pelo caminho que, pouco a pouco, voltava a ser estrada. Ainda assim, ninguém relaxou: aquelas terras, apesar de belas, eram sorrateiras.

Os homens atentavam às margens da trilha, visto que não eram apenas os rios que surpreendiam viajantes. Salteadores e mercenários conheciam bem os pontos mais estreitos, onde a passagem se afunilava sob carvalhos antigos.

A postura de Guillaume enrijeceu; o arco repousava pronto sobre a coxa. Ele conhecia o vazio que antecede as emboscadas e sabia que o perigo raramente anunciava sua chegada.

Sébastien ajustou o corpo no lombo do animal, vencendo o desconforto que lhe subia pelos ombros. A dor tornava-se mais constante e menos súbita. Agarrou o couro com firmeza, ciente de que o tempo não estava a seu favor.

“Precisamos chegar sem demoras”, refletiu.

A viagem até Le Havre ainda consumiria dias, e Sébastien já não sabia se seu corpo resistiria o bastante para concluir o códice. Horace aguardava por ambos.

O outono cobria a estrada com tons de cobre e ferrugem. O céu, contrariando a estação, mantinha-se de um azul limpo — quase cruel em sua serenidade. Pararam em estalagens simples, onde os pomares se mostravam fartos. Os camponeses, ao reconhecerem os cavaleiros do duque, ofereceram maçãs e pães frescos, porque corria entre eles

a notícia de que Horace Le Havre adoecera e que Angeli-Chaput fora convocado às pressas.

No segundo dia, já nas imediações de Caen, carvalhos surgiam de ambos os lados da estrada, formando um túnel natural cujas sombras dificultavam distinguir qualquer movimento entre os troncos, até que Guillaume ergueu a mão ao perceber algo se deslocando por lá.

Os cavaleiros reagiram sem hesitação. Dois avançaram para proteger a dianteira; outros fecharam as laterais, formando uma cruz de proteção ao redor do monge.

Um galho estalou, e tudo ao redor pareceu sustar-se.

Guillaume retirou uma flecha do alforje com precisão mecânica, puxou a corda até a orelha e manteve a ponta da seta apontada para o verde-escuro do bosque.

Os animais batiam as patas no solo, irrequietos. O monge sentiu o saltério angélico deslizar entre seus dedos, como se cada conta marcasse um segundo a menos.

Então vieram os latidos, depois a vegetação seca cedendo sob pés humanos. Uma figura surgiu acompanhada por cães de pelo espesso.

— EREMITA SANTIAGO! — a voz de Sébastien rompeu a tensão antes que a flecha fosse solta. — Não atire, Guillaume. É um amigo.

O arqueiro continuou sustentando o arco, avaliando a situação, e só depois afrouxou a corda. O ar pareceu voltar aos pulmões de todos.

Santiago avançou tranquilamente; a barba longa e desgrenhada parecia intocada havia décadas.

— *Pax vobis* — saudou, inclinando a cabeça. — Os cães vos sentiram primeiro.

— Estamos a caminho de Le Havre — explicou Sébastien. — E o percurso é longo.

O eremita fixou-se nele. Talvez notasse o cansaço do monge.

— Refugio-me numa capela abandonada atrás dos pomares — disse Santiago. — Há abrigo e fogo.

Sébastien desmontou com auxílio de Guillaume e, ao firmar os pés no chão, a dor rasgou-lhe a perna como um aviso; Santiago percebeu imediatamente o que se passava.

A capela era modesta, quase esquecida pelo tempo, com paredes de pedra crua, vigas expostas e uma simples cruz de ferro fundido sobre o altar. Uma cesta deixada pelos camponeses à porta foi aberta para servir os viajantes. Santiago recusou a carne, que os cavaleiros dividiram entre si, enquanto o fogo crepitava e o calor das chamas, somado ao cansaço da viagem, fazia os corpos relaxarem numa trégua quase humana. Sébastien então fechou os olhos.

— Que Deus abençoe esta terra, *hum* — o pensamento escapou com seu habitual “hum”, quase imperceptível.

Mas, mesmo ali, a salvo entre muros maciços e uma amizade antiga, algo nele continuava agitado.

Sorvendo um gole de sidra, o eremita pousou a caneca sobre a mesa. Com a decisão já estampada no olhar, acenou para o monge.

Percorreram a pequena nave da capela dedicada a Nossa Senhora do Monte Tombe, erigida nos primeiros anos do gótico francês. A imagem da Virgem com o Menino, semelhante à venerada no Mont-Saint-Michel, conservava-se sem danos, embora o vilarejo tivesse sido consumido pela guerra.

Aquele templo fora abandonado após os ataques ingleses. O clero partira, a aldeia esvaziara-se; restara Santiago e uma matilha de cães.

Os pomares que circundavam a capela sustentavam sua vida solitária. Entre árvores frutíferas e cestas deixadas por camponeses, ele encontrara refúgio para escrever e rezar.

Santiago guiou Sébastien ao altar-mor, onde se celebrara o Santo Sacrifício e agora repousavam dicionários e fragmentos de textos antigos; atrás do altar ainda havia um leito simples. Sentaram-se. Em seguida, o eremita afastou a palha e retirou de seu interior uma pena branca, adornada com delicados matizes de azul-claro e dourado na extremidade. A relíquia, consagrada pelo Arcanjo Miguel, irradiava

luz própria do cálamo, capaz de iluminar um pergaminho na mais completa escuridão.

Ao vê-la, Sébastien contemplou-a, tomado por um respeito profundo. Sabia exatamente o valor do que tinha diante de si.

— Aqui repousa a relíquia de São Miguel — murmurou Santiago, reverente. — Com ela continuo a traduzir textos do aramaico e do antigo egípcio. Recentemente, recebi manuscritos dos irmãos coptas...

Sébastien ancorou a mente na luz.

— Pelos indícios, remontam ao tempo em que a Sagrada Família esteve no Egito — continuou Santiago, reduzindo a voz a um fio.

— Se sua teoria se confirmar gostaria de lê-los — respondeu Sébastien com um sorriso. — Bom, se houver tempo para isso.

Santiago achou estranha a resposta do amigo.

Sébastien abriu o alforje e retirou um pedaço de linho branco. Desenrolou-o com cerimônia e então mostrou outra pena semelhante; irmã.

— Trago-a sempre comigo — confessou. — À noite, no *scriptorium*, uso a relíquia do Arcanjo para escrever.

Os cavaleiros conversavam próximos ao fogo, alheios ao que ocorria entre os religiosos. Mesmo assim, Sébastien lançou um olhar vigilante à nave da capela.

— Tenho algo importante a lhe contar.

— Vamos para fora. Dois cães guardarão o leito; os outros nos seguirão — disse Santiago.

Ele ajudou Sébastien a movimentar-se. O monge tentou disfarçar a dificuldade, mas o peso na perna o denunciava. Santiago nada disse.

Atravessaram o templo e seguiram até o pomar, onde a noite já se fechara entre as árvores. O eremita acendeu uma lâmpada de azeite e depois espalhou alguns ossos pelo chão para atrair os cães, que logo se acomodaram ao redor.

— Se alguém se aproximar, eles alertarão.

— Santiago, fui convocado pelo duque Horace — disse Sébastien, enquanto uma rajada percorria as copas acima deles. — Seus dias estão contados, *hum*.

Sébastien retirou a luva, e os dedos aduncos se revelaram sob a chama da lâmpada como galhos retorcidos.

— Não afeta somente os dele, assim como também os meus — continuou, pretendendo esticar os dedos numa tentativa inútil.

Santiago empalideceu.

— *Domine, miserere nobis...* Que enfermidade é essa? Até parece obra do maligno!

O monge olhou para a própria mão como se ela não lhe pertencesse.

— As dores são constantes, meu amigo. Mal consigo firmar os ossos — falou com a voz serena, mas o fôlego falhou no final da frase. — Se for provação, que seja. Se for tentação... que não nos desvie.

Santiago fitou-o com aflição. A ideia de forças demoníacas tentando sabotar a missão o perturbava profundamente.

— E o códice?

— Deve ser concluído — respondeu Sébastien Angeli-Chaput.

A chama oscilou com o sopro do vento.

— Andreas — retomou ele — tem-me enviado pergaminhos ricamente ilustrados. Com a urgência do duque, e o avanço da moléstia, creio que chegou o tempo.

Santiago deteve o olhar nas deformações do amigo, medindo o quanto a enfermidade já lhe consumira o corpo.

— O Arcanjo... manifestou-se?

— São Miguel mantém-se em silêncio, como o grande astro oculto pelo véu da noite — respondeu o beneditino, mirando o céu de diminutas estrelas.

Santiago engoliu em seco.

— E se a pena... não iluminar nas mãos dele?

— Então ainda não estará pronto.

A resposta saiu firme, mas curta demais para ser adequada.

— Andreas é o último descendente. O mais jovem. E, segundo a visão... o códice deve estar concluído quando Jean-Pierre Le Havre for armado cavaleiro.

Sébastien puxou o capuz. Os dedos tatearam o tecido com demora até encontrarem algo no interior do hábito.

— Há mais — afrouxou o cordão.

Na palma, pequenas sementes repousavam, discretas e quase insignificantes. Santiago inclinou-se, reconhecendo-as imediatamente.

— *Silphium*...

O termo soou quase proibido.

— Julgavam-no perdido — acrescentou, mais baixo. — As plantas no Gargano... estão saudáveis?

Sébastien respondeu de pronto.

— Não como deveriam. Jules pressiona, Benedict sozinho já não dá conta do *Jardin de Coline*, e os ratos quase nos custaram tudo. Adotei Or para vigiar as sementes... ele faz o que pode.

Santiago levou a mão à barba; a doença do amigo e o destino do códice pareciam apertar-lhe o peito.

— Espero que os irmãos já tenham abandonado certas superstições — Santiago lançou um olhar aos cães espalhados pelo pomar. Admirava Francisco de Assis e acreditava que os animais, à sua maneira, também participavam da harmonia da Criação. — Em muitos vilarejos, ainda veem nos gatos um sinal do mal.

A chama tremeu na lamparina.

— Mas os tempos exigem discernimento — continuou o eremita.
— Se Or protege as sementes, que assim seja.

— A fé não pode ceder ao medo — disse Sébastien.

Desta vez, Santiago voltou-se por inteiro.

— E Jean-Pierre? Quando assume o cultivo?

— Quando retornarmos ao Monte do Arcanjo juntamente com Andreas.

O semblante de Sébastien tornou-se reflexivo.

— Jean-Pierre deve permanecer próximo de Benedict, aprender o manejo e observar tudo de perto; depois seguirá para o sul da Itália. É lá que tudo começa, *hum*.

O monge moveu as sementinhas na palma das mãos.

— Isso deverá ocorrer quando Andreas concluir o códice... conforme a revelação.

Sébastien sabia que Benedict também seria relevante. *O Jardin de Coline*, no lado oriental do Monte, estava longe de ser um horto comum. Ali cultivavam-se ervas raras, vegetais de propriedades medicinais, raízes destinadas a infusões e bálsamos que sustentavam a comunidade.

Santiago compreendeu de imediato a dimensão da responsabilidade que recairia sobre eles, mas, antes que pudesse continuar, um latido cortou o ar; Sébastien recolheu as sementes ao bolso num gesto rápido, e um dos cavaleiros surgiu da escuridão, retornando da latrina.

Ao alvorecer, o céu despertou cinzento. A luz enfraquecida mal vencia a névoa da manhã, e os dois monges ajoelharam-se lado a lado, repetindo gestos antigos que os uniam mais do que qualquer voto. Relembaram o passado, quando ao fim do terceiro ano, antes da profissão perpétua, Santiago partira, libertando-se dos vínculos formais da Regra. Sébastien, ao contrário, ficara fiel à comunidade.

— Separei esta veste para você — disse Santiago, estendendo um hábito puído nas dobras. — Talvez lhe seja útil na jornada.

Pouco depois, o grupo retomou a estrada. Se o tempo se mantivesse favorável, chegariam a Le Havre no dia seguinte.

A paisagem costeira desdobrava-se diante deles em vilarejos dispersos e campos vastos. Ao longe, formações rochosas erguiam-se sobre o mar como criaturas petrificadas. Sébastien recordou Étretat — as falésias ao norte, cuja silhueta lembrava uma tromba de elefante mergulhada nas águas. Ele mesmo já a imortalizara.

No *Bestiário de Valois*, destinado ao jovem Luís — que se tornaria Luís XI —, desenhara aquela forma com minúcia paciente. As curvas

da rocha e as criaturas fantásticas que habitavam suas páginas haviam encantado o herdeiro.

Luís, filho de Carlos VII, o rei coroado em Reims sob o estandarte da Donzela de Orléans, crescera admirando as iluminuras do monge. Talvez por isso jamais ousara sitiar o Mont-Saint-Michel, apesar de seus esforços constantes para subjugar instituições independentes e consolidar o poder real.

O Monte ultrapassava a condição de mosteiro; dominava sobre as águas como bastião espiritual sob a coroa. Le Havre, por sua vez, era outra realidade: porto estratégico, porta do Canal da Mancha — uma cidade marcada por disputas durante a Guerra dos Cem Anos.

Monseigneur Horace governava aquelas terras por mérito próprio, elevado ao ducado por reconhecimento régio. O título fora-lhe concedido pelo rei em resposta à sua mente arguta e à lealdade incontestável. Luís XI recorria a ele nas questões que exigiam resolução e discrição, mas agora o duque morria. O pensamento passou a seguir Sébastien como um vulto.

Descansaram em Pont-l'Évêque para retomarem o caminho na manhã seguinte. À mesa da estalagem, os cavaleiros dividiam rumores da corte e histórias da guerra, enquanto Guilherme relatava as estratégias usadas contra os ingleses; até os mais experientes o escutavam com atenção. Sébastien participava pouco; a dor subia-lhe pela mão como lembrança persistente.

Quando o frio da noite começou a cair, as primeiras luzes de Le Havre surgiram ao longe, cintilando como estrelas descidas à terra. Assim que chegaram, os cavaleiros conduziram o religioso ao grande salão, onde a mesa já estava posta.

Horace encontrava-se ali. Ao avistar o monge, pôs-se de pé com esforço evidente; antes mesmo das palavras, curvou-se e beijou-lhe as mãos.

Tomaram seus lugares: o duque na cabeceira, Angeli-Chaput à sua direita e Guilherme à frente. Jean-Pierre sentava-se próximo do pai, onde outrora se acomodava sua mãe, a duquesa Catherine — falecida